

# A Sombra Sorridente

José Leon Machado



Edições Vercial

## **Ficha Técnica**

Título: *A Sombra Sorridente*

© Copyright José Leon Machado 1995-2010.

Todos os direitos reservados.

1ª edição, OPSIS, 1995.

2ª edição, Edições Vercial, Dezembro de 2006.

3ª edição, Edições Vercial, Setembro de 2008.

4ª edição, Edições Vercial, Abril de 2010.

URL: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/evercial>

E-mail: [evercial@gmail.com](mailto:evercial@gmail.com)

Os nomes e as acções narradas nesta obra são produto da imaginação do autor e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é pura coincidência.

**José Leon Machado**

# **A Sombra Sorridente**

Novela

**Edições** **Vercial**

*Eu apaixonei-me, sem saber o que era  
amor, por uma sombra que sorriu e passou.*

Raul Brandão, *Vale de Josafat*

## I

Quiseste conhecer-me porque há muito que eu me andava a insinuar. Naquelas tardes de início de Primavera com o sol a mostrar-se tímido sobre as árvores ainda nuas dos jardins e dos campos, as pessoas saíam à rua, olhavam-se pasmadas e achavam que eram belas. Quantas vezes passámos um pelo outro e nos olhámos? Já não era um mero acaso. Eu sabia a que horas passavas sob a minha janela. E aí esperava que os teus cabelos aparecessem na curva da rua, o sorriso que se distinguia lá de cima. Perdi a minha janela e perdi-te num jogo de cartas com um amigo. No princípio era simpatia a transformar-se em interesse. E um dia, quando nos cruzámos na rua cheia de gente e os teus olhos viram os meus, estremeci por dentro como quem ama. Mas eu não te conhecia e ignorava o teu nome. A iniciativa para te falar nunca viera, talvez por achar-te muito longe das minhas perspectivas futuras. É que tu não encaixavas nos meus projectos.

Andava metido num curso de fotografia no Instituto da Juventude. Uma tarde ou outra em que os estudos não apertavam, entretia-me a focar algumas cenas da cidade, conforme as técnicas aprendidas no curso. Até que certo dia, estando com duas conhecidas na rua a combinar uma altura para tirarmos umas fotografias juntos, passaste e disseste-lhes olá. Perguntei se te conheciam. «Então não haveríamos de conhecer a Margarida?! Vivemos todas no mesmo lar», disse a Magda. Foi quando fiquei a saber o teu nome e esta revelação repentina começou logo a fermentar na minha cabeça dura. Decidimos então tirar as fotos no domingo seguinte se houvesse sol, mas com uma condição: elas teriam de convidar-te também. Olharam-me de soslaio a inquirirem a minha ambígua intenção. A Magda falar-te-ia no assunto, mas tinha quase a certeza de que não aceitarias o convite.

Ir agora assim por aí posar para um desconhecido! Porém, talvez não fôssemos tão desconhecidos como a Magda estaria a pensar. De qualquer modo convidasse e logo se veria.

Saí na tarde do domingo combinado de máquina a tiracolo. O tempo, sempre instável, brindara-nos com uma chuvaçada e o ambiente estava feio e soturno para a objectiva. Não me dissuadi e fui ao Pasolini, o café frequentado pela Magda e as amigas. Aí a encontrei com mais duas colegas a tomarem café. Acompanhei-as num pingo para à noite não perder o sono, o que, mesmo assim, seria difícil não acontecer. A Primavera dava-me volta ao miolo, avizinhava-se uma qualquer mudança radical na minha vida. As noites passava-as em claro a pensar, a sentir.

– Furtado – rompeu a Magda –, falei com a Margarida acerca das fotos e ela disse que talvez apareceria.

– Ah, sim? E não estranhou o convite?

– Claro que estranhou! Pu-la com um pé atrás e outro à frente. Deu-me a impressão de que aceitou só para ser simpática. Creio que não virá.

– Se não vem, o problema é dela. Eu convidei, não convidei? E nós, vamos aproveitar e ver se a chuva parou?

– Sim. Deixa estar que eu pago o teu pingo. Amanhã pagas tu o café. Quero que nos fotografes na frente do lar, naquele jardim com o João Penha.

– Sabes que foi um grande poeta bracarense...

– Pois olha, não sabia quem era o homem. Também colocam ali uma estátua e nem explicam quem é e que fez!... Ninguém adivinha. Quando é que em Braga vão apostar na cultura?

Levantámo-nos e descemos as escadas onde a Magda caíra uma vez depois de um *fino*, quando usava pirolitos nos pés. Salvou-a o ser roliça e baixa. Caso contrário já cá não estava ou teria a coluna num trapo. E foi à entrada do edifício, ao sairmos, que me vieste falar.

Las com mais duas colegas, reconheceste-me e, de lábios muito vermelhos – nunca mais os pintaste – e o sorriso da altura do sol, aproximaste-te perguntando:

– O convite para as fotografias era mesmo a sério?

O que te haveria de responder? Nunca esperaria que viesses falar-me assim, cheia de à vontade. Volvi os olhos para a Magda a ganhar coragem e fôlego, medindo as palavras que iria dizer.

– Realmente era a sério. Aliás tenho aqui a câmara... O convite ainda está de pé, se desejarem.

– Agradecemos muito, mas desta vez não será possível. Temos umas voltas a dar. Fica para outra altura, está bem?

– Certo. Depois combinamos.

– Sim. Então adeus.

E seguiram para o interior do edifício. Quanto a nós – a Magda, as duas amigas e eu –, descemos a rua em direcção ao jardim à frente do lar. Não chovia e o sol despontava vago pelas nuvens. Deambulava muita gente e os automóveis roncavam ao de leve. Eu não dizia nada. Sentia-me ligeiramente incomodado com o teu assalto de surpresa à minha vida. Há tanto tempo que desejava sentir-te mais perto, falar-te e foste tu a destruir barreiras e receios. Não sabia se isso era uma paixão nascente ou interesse superficial. Estavam os caminhos abertos para um maior conhecimento, uma relação futura de amizade e de entendimento.

Quando foi que descobri que tu existias?

No tempo presidia à República o Eanes. Gozava os derradeiros momentos do poder eleito segundo a vontade do povo. Depois, tudo mudou para o mesmo esquema político de antes da mudança, que essa será para depois do ano 2000, se ainda houver Portugal e portugueses. Não se fala dos Estados Unidos da Europa? Seremos finalmente europeus...

Tinha vindo à cidade o Freitas do Amaral na campanha das presidenciais. O teatro Circo abarrotava de apoiantes e curiosos. Preparava-se a primeira volta das eleições e era mais que certa a vitória do *progresso*. «P'rá frente Portugal!», gritava-se a toda a hora. Afinal não houve a tão falada vitória nem Portugal foi para a frente, não tivessem os comunistas votado no Mário Soares de olhos vendados. Eu fui, com os colegas de curso, ao tal comício, mais como curioso do que como apoiante, pois sempre preferia

ser observador a actor. Os padres aconselharam-nos vivamente aquele comício e abertamente nos alertaram para a desgraça comunista do Zenha ou o perigo socialista do Mário Soares. Os que votassem tinham o dedo já guiado pela chama do Espírito Santo e a cruzinha ficava no quadrado do Freitas. Afinal não haveria muita diferença em votar de olhos tapados ou de dedo guiado pelo Espírito Santo

Durante o comício, numa daquelas confusões de sobe e desce escadas, cruzámos contigo e disseste olá a um dos meus companheiros. Quando algum conhecido nosso cruza com uma mulher bonita, há sempre a tentação de olhar. Passaste e eu voltei os olhos para trás a reconfirmar a primeira impressão. Sim, eras uma miúda bem feita, um belo cabelo e uns dentes muito direitos num sorriso franco. Ficara-me o retrato e nunca mais o esqueci.

O caso passara-se, nunca mais pensei nele até que, findo o Inverno, te reví, agora nas ruas da cidade, sempre que saía para passear ou para as aulas de condução, sempre que olhava abaixo da minha janela. Já não era apenas eu a notar a tua presença. Também tu já notavas a minha e não te era indiferente. O instrutor de condução, coitado, é que me aturava as desatenções na estrada, as asneiras crassas nos cruzamentos e nas inversões de marcha. Até chumbei o exame duas vezes! Começava o meu coraçãozinho a descontrolar-se, a bater dissonante. Claro que a culpa era minha, pois sentia alguma coisa de novo a acontecer e eu queria que acontecesse.

Por essa altura haveria uma festa no Seminário de Braga onde eu estudava como aluno interno. Eu participaria no teatro e na música e foi das poucas coisas que gostei de fazer. Tocávamos no palco uma canção qualquer quando olho a plateia e te vejo ao fundo da sala, entre os muitos espectadores, a apreciar o ambiente de festa. Reconheceste-me e agora olhavas-me também. Por segundos parei de tocar, recomencei extraviado ecoando um lá quando a canção já ia em ré. Sonhara contigo nessa noite e ansiava-te na minha vida. Vi-te no dia seguinte a passar sob a minha janela de castanho apodrecido.

Mais de um mês passara, só agora nos falávamos, se soltavam as amarras do desconhecimento.

Fotografei então a Magda e as duas amigas no jardim à frente do lar onde viviam. O obturador disparou quatro vezes com abertura média do diafragma, uma foto individual de cada e uma do grupinho a sorrir, o busto do João Penha por detrás. E as meninas entraram, pois tinham que estudar, depositando-me um beijo de despedida. Fiquei só na rua, sem saber o que fazer com o resto da tarde. Decidi acabar o rolo fotográfico. E apanhei logo ali na objectiva um miserável pedinte, mais conhecido do que o presidente da Câmara, que me estendia a mão chagosa a reclamar uma nota. A nota não lha dei e a fotografia também não. Subi a buscar outras perspectivas, uma igreja, um pedaço de rua, uma árvore, uma porta. Depois achei que te deveria encontrar novamente para pedir desculpa de qualquer mal entendido, só com a finalidade de iniciar conversa. Levei a câmara ao Seminário, deixei-a na portaria. Estava farto do seu peso e das pessoas a olharem-me como se eu fosse um turista perdido em dia de chuva, e voltei ao centro da cidade a procurar-te.

Fatigado, sentei-me num banco de pedra ainda húmido a apanhar toda a área com a vista. Não haviam decorrido dez minutos quando te enxergo a cem metros. Irias forçosamente passar por mim. Nesse momento chamei-te com o indicador e aproximaste-te. Vinhas agora apenas com outra colega que também se aproximou.

– Já fotografaste tudo? – perguntaste sorridente.

– O mais importante não fotografei – respondi irónico.

– Desejava pedir-vos desculpa pelo sucedido. Houve aí umas pequenas confusões...

– Realmente não compreendemos muito bem essa história das fotografias. A Magda veio falar-me, assim, sem mais nem menos. Achei estranho. E, como te expliquei há pouco, não pudemos aceitar o teu simpático convite.

– Com certeza! Mas... sentem-se – pedi, o que vocês fizeram muito à vontade, sem interjeições, tu à minha direita, a tua amiga

a seguir a ti. Ficaste no meio dos dois.

– Eu sou a Guida, como já deves saber, e esta é a Berta. Temos ambas o cabelo comprido e usamos óculos, mas não somos irmãs nem primas.

– Muito prazer. Eu sou o José Furtado, que devem ter ouvido falar.

– Sim, és do curso do Barros e do Gomes lá do Seminário. Conhecemos-te da Festa das Famílias.

– Verdade?... Então vocês também foram assistir à festa.

– Convidou-nos o primo da Berta, o Pedro.

– O Pedro? Ele participou na peça de teatro comigo.

– Isso! Ele usava um chapéu de palha e tinha umas suíças enormes. Fazia o papel de labrego.

– E vocês recordam-se do que fazia eu na peça?

– Espera aí... Tu eras gorducho, com uma barriga acentuada, um chapéu preto e uma bengala de metro e meio.

– Tal qual. E vocês, gostaram do espectáculo?

– Vimos só metade. Mas achei-os muito divertidos. Rimos à brava. Não foi, Berta?

– Foi.

– E quando andaste por lá arrastado com a mesa e os outros atrás de ti para se vingarem das tuas tramóias?

– Lembras-te de tudo! – exclamei um pouco admirado.

– Ah! E a música. Tocavas muito bem. Gostei imenso daquela que falava da paz e de um concerto que ia haver.

– Um concerto?... Sim, já estou a ver qual é. Ia haver um concerto e o instrumento que faltava era o amor. É uma canção muito bonita. Foi também das que eu mais gostei de tocar. É do reportório do grupo, sabias? A letra e a música são originais.

A conversa confinava-se aos dois. A tua amiga parecia ausente, a olhar quem passava. Nesse dia a minha impressão sobre ela saldou-se negativa. Parecia-me demasiado soberba para os poucos encantos de que dispunha. Relanceava-me os olhos com desdém entrecortando o nosso discurso num ou dois monossílabos. Não parecia muito interessada na conversa e no recente conhecimento,

impaciente talvez por partir para outras andanças, para outros conhecimentos. Não era Primavera?

Embebíamo-nos na conversa, tantas coisas a dizer, a pressa de querer saber mais do outro, quando se aproximam duas moças desconhecidas de pastinha na mão. Pedem licença para se sentarem – nada havia a impedir – e começam a vender o peixe. Percebi logo que eram mormons. A cidade nesta altura andava infestada, os seus membros não deixavam sossegada a juventude, queriam novos seguidores, novos apóstolos. Viram-nos ao longe, pensaram que estariam ali três presas para as suas fileiras. Dirigiram-se às presas erradas.

– Gostaríamos de contar-lhes uma história – começou a mais gordinha. – Vocês sabem quem criou tudo isto que nós vemos e admiramos? Só poderia ter sido um ser belo e bom, amigo dos homens, amante da sua obra. Não acham que Deus é o verdadeiro criador de todas as coisas, de todos os seres animados e inanimados?

– Sou ateu – respondi-lhe, para criar polémica, de olho fito no velho argumento de Santo Anselmo estudado em Teologia Natural. Tu e a Berta riam entre dentes.

– Então você acha – insistiu a gorda desapontada – que tudo nasceu do nada?

– Como dizia Aristóteles, do nada nada vem. Talvez tudo exista *ab aeterno*.

Ela arregalou os olhos a ver se percebia. Como não percebia, continuou:

– As coisas têm de ter um princípio, um começo. E esse começo é Deus criador. Sem Ele nada existiria. Não estaríamos cá a gozar este verde de Abril e este sol a despontar se a sua bondade e o seu amor por nós fosse uma grande mentira.

As raparigas tinham uma costela poética e a cassete estava bem gravada. A minha resposta definitiva não as atemorizara. Dera-lhes antes coragem para enfrentar a minha pretensa incredulidade e darem-me a volta. Eu, porém, não tencionava nada dar-lhes razão, rebaixar-me a aceitar o que diziam, mesmo que

isso não fosse totalmente errado. Tinha de causar impressão, mostrar-te a ti, Guida, que sabia falar e até dava uma lição àquelas protestantezinhas que espezinhavam a nossa religião. Não andava eu a estudar para padre?

– Se Deus é assim tão bom como dizes, explica-me então porque é que há o mal no mundo – argumentei. – Tanta gente morre de fome, tantas vítimas da guerra, dos crimes, das querelas políticas, do ódio, vícios aberrantes atormentam a sociedade moderna, o mal instala-se no apartamento da desgraça. Se Deus nos ama, esta situação ser-lhe-ia penosa, não concordaria com ela e trataria de a modificar emendando os males do mundo. Como continua a existir o mal, ou Deus está velho e cansado para se preocupar com o homem ou simplesmente não existe. Ora, um deus que não se interessa pela obra que criou nem a ama não é muito digno de crédito.

– O mal não foi Deus que o trouxe nem foi ele que o criou – arremata a gorda exaltada. – O homem é que o escolheu entre o bem que Deus lhe oferecia. Adão pecara e agora todos arrastamos esse espectro. Os que acreditarem saberão viver no bem, pois Deus não se esquece dos seus amigos. Os outros seguirão pela lama e o paraíso ficará muito distante.

– Então Deus é elitista. É só pai de alguns. O que vos digo é que um pai não condena um filho, mesmo que este tenha levantado a mão para si. Mas o vosso Deus condena, atira para a Geena os filhos que foram menos bons durante a sua curta e triste passagem pela terra. Ora, um pai que condena não pode ter amor aos seus filhos. Senão, perdoar-lhes-ia. Não acredito no vosso Deus.

A diatribe não ia a lado nenhum. Acabei por confundir as moças, não sabiam já de que modo refutar os meus argumentos. Estavam, contudo, cientes das suas ideias e não arredavam pé. Eu também não arredava e despediram-se com um «muito obrigadas pela atenção; foi um gosto conversar convosco». Tu e a Berta ristes-vos e eu nem soube porquê. De qualquer modo aquelas chatas foram-se e nós pudemos reatar a conversa.

– Que dizíamos?

– Falávamos da festa. Olha, vens connosco ao café?

– Sim, posso acompanhar-vos.

O relógio do Turismo marcava dezassete horas, descemos a Avenida cheia de gente nova a sair dos cinemas, fomos beber um refrigerante ao Neto.

– Encurralaste as raparigas – disseste puxando um SG Gigante do maço enquanto esperávamos que a empregada trouxesse para a nossa mesa três sumos de laranja.

– Não era minha intenção – desculpei-me. – Queria apenas abalar-lhes as convicções um bocadinho. Afinal eu até nem concordo inteiramente com o que lhes disse. Do que eu não gosto é que me venham com palavras bonitas para depois venderem o peixe. Se eu não lhes tivesse dado luta, daí a pouco estariam a falar-nos dos mormons e das suas ideias malucas sobre a América, o país da promessa, a nova Caná.

– Queres um cigarro?

– Posso?... Obrigado.

Acendeste-me o cigarro com um fósforo de carteira, aceitei-o para criar clima, pois seria embaraçoso, pelo menos naquela altura, a menina estar a fumar sozinha, já que a tua amiga não fumava. Depois, não sei porquê, perdi essa concepção solidária e, quando fumavas, já não me tinhas a acompanhar-te no vício mais natural deste século. Achei que isso não era importante para o nosso relacionamento, eu, que sempre detestei ver as mulheres de cigarro na boca. Fumavas, eras livre, apesar dos meus conselhos anti-tabagísticos. Eu não fumava, era cativo da saúde, escravo da pureza pulmonar. Afinal intoxiquei o coração e só o tempo me valeria como remédio.

– Vocês são donde? – perguntei tirando entalado uma fumaça cinzenta.

– Ambas de Amares – respondeste guardando na bolsa o tabaco e a carteira de fósforos.

– São de perto. Pensei que fossem de mais longe.

– Porquê?

– Como estão hospedadas no lar...

– Ah! Nesse aspecto terias razão de pensar assim. Contudo, eu estou no lar por ser mais cómodo. Os meus pais vivem em França, não teria outra saída senão o lar. Tenho os meus avós em Amares, mas é muito chato ter de vir cá a Braga às aulas e voltar todos os dias à aldeia. A Berta também tem esse problema.

– Mas em Amares também há escola secundária.

– Pois há. Mas nós não estamos numa escola secundária. Estamos num colégio particular.

– Sendo assim... Olha, e em que região de França vivem os teus pais?

– Clermont Ferrand. Eu fui para lá muito pequena. Voltei a Portugal há três anos. Ainda tenho um pequeno sotaque, não achas?

– Agora, que mo dizes, noto. Sabes, eu também já estive em Clermont Ferrand, há uns cinco anos, talvez...

– A sério?!

– Passei uma noite na Place de la Liberté. Tenho lá uma amiga.

– Eu morava na Rue des Archers. Não deves ter tido tempo de lá passar.

– De facto... Na altura em que lá estive o pico do monte mais alto estava coberto de neve.

– Foi nesse monte que aprendi a esquiar. Tive muitas quedas antes de conseguir equilibrar-me.

– Praticas esqui?

– Agora não. Em Braga não neva. Além disso ando muito empenada, abaixo de forma. Eu e a Berta faltamos sempre à aula de ginástica na escola. È uma seca.

– Precisam de umas corridas.

– *Mais Oui!* Quando as galinhas tiverem dentes nós metemo-nos à estrada. Não é, Berta?

– É – regougou num assobio mole.

– Ainda a respeito do lar: Vocês gostam do ambiente? Tratam-nas bem?

– As responsáveis são freiras. E onde há freiras...

– Percebo. A Magda também não diz muito bem daquilo. A alimentação parece que não é grande coisa – ressalvei, amarfanhando no cinzeiro vidrado o resto do cigarro. Não conseguia fumá-lo até ao fim.

– Come-se mal. E depois as saídas à noite são apenas para as mais velhas. Como o critério da velhice é pela escolaridade e não pela idade, nós nunca podemos sair. E nós as duas já temos há muito idade para sermos responsáveis.

– Em que ano andais?

– Frequentamos o nono.

– Só?! pensei que estavam no 11º.

– A Berta chumbou e eu atrasei por ter vindo de França. Quando fiz a matrícula, puseram-me no sétimo junto com as criancinhas. Não me deram equivalência nos estudos. Assim, com dezanove anos, estou ainda no nono ano. O que é preciso é haver força de vontade.

O nosso diálogo prolongou-se até ao fim da tarde na mesa do café. Queríamos saber um do outro. A Berta sentia-a a mais e ela notara. Estava no fundo a fazer de velinha. Daí a sua reserva, o seu silêncio. Partilhou a nossa alegria, a nossa boa disposição quando nos metemos a contar anedotas, atirando mesmo com uma piada ou duas. E foi em sorrisos sinceros que nos despedimos. Soltei então um grande suspiro e respirei enlevado o aroma das ruas ainda molhadas, das tílias do jardim, dos parolos que corriam para os transportes públicos num último adeus a mais um domingo passado na cidade. Jantei mal, não vi o programa desportivo na televisão com o resumo dos jogos de futebol, fui deitar-me cedo. Queria recordar tudo o que vivi naquela tarde em que te conhecera.

Só, no quarto, estendido na cama calçado e com o aparelho a tocar Chris the Bourg, lembrava o teu sorriso, as tuas primeiras palavras, o que me contaste sobre ti, as minhas intervenções ridículas para te agradar, como a diatribe com as mormons, a cor castanha dos teus olhos, o cabelo longo e sedoso, e o cheiro,

o cheiro desconhecido e provocante do teu perfume. Todas as atitudes, a forma de pegar no cigarro, de puxar e segurar o fumo, deitá-lo fora numa baforada delicada, beber o refrigerante, os jeitos gráceis da cabeça e das mãos de unhas muito curtas, estonteavam-me a imaginação tão pobre dessas paisagens raras. Prostrava-me embasbacado a olhar a janela ao fundo do quarto por onde o sol já não entrava porque entretanto era noite. Ver-te-ia passar em baixo na manhã seguinte, satisfaria por segundos a ânsia de sentir-te perto. Eu queria e vieste. Que pena não teres ficado!

## II

Comemorava-se o 1º de Maio. Abril cheio de chuva passara, o sol regressou, renovava-se a vida no centro dos homens e das coisas.

Saí após o almoço bem apetrechado de frango de churrasco e umas pingas de verde com um colega a fazer companhia. Ainda não acabara o curso de fotografia, aproveitaria a tarde para gastar mais um rolo a preto e branco. Seria o último teste à minha capacidade de fotógrafo.

O movimento nas ruas era grande. Seria fácil apanhar vistas interessantes. Chegara uma carrada de filiados alentejanos da Inter, haveria manifestação, comício, aquelas reivindicações e o paleio contra quem governa a que nos habituáramos a ouvir desde que a liberdade se começou a celebrar.

Neste ambiente de festa, percorri com o Fernando a Avenida vestida de verde. Entrámos num café a bebericar qualquer coisa para melhor digerir o frango e remetemo-nos ao jardim de Santa Bárbara. Como em todas as épocas do ano, florescia colorido, agora talvez um pouco mais por ser Primavera. Subia um aroma de rosas brancas, exaltava-nos o coração tão forçado pelas emoções da estação. Era o *tempo da frol*. O Fernando pegou-me na câmara, regulou a objectiva e sacou uma pose comigo de pé, junto ao chafariz de granito. Mudámos de posição e saquei-lhe eu uma, carrancudo, talvez a noite lhe não tivesse sido propícia. Voltámos então à Avenida a envolver-nos com o torvelinho de trabalhadores no gozo do feriado em sua homenagem e de *camaradas* que protestavam a situação caótica do país. Vimos daí a pouco desfilar uma majestosa procissão antigovernamental, abundante em apelos à próxima greve geral e à demissão imediata do governo, toda vestida de vermelho vivo com cartazes e bandeiretes de lado

a lado da rua. A abrir vinha uma banda de zés-pereiras a gaitar e a tamborilar dando o andamento ao caudal seco e curto mas disciplinado e rígido daquela meia dúzia de massa alentejana. Era o Kremlin à portuguesa. Vinham, enfim, conhecer o Norte, fazer um passeio turístico com viagens pagas e a promessa de um bom emprego na Câmara Municipal.

Com o colega ao lado taciturno como se aquilo não fosse nada consigo, eu fotografava aqui e ali, escolhia por entre essa manifestação de vulgaridade uma figura mais ou menos pitoresca. O pitoresco encontrava-o nas pessoas da berma, os que passavam olhando desinteressados como que a mostrarem que não tinham nada a ver com a palhaçada. Outras até achavam necessários os cortejos de protesto. Afinal eram todos labutadores. Tinha de haver alguém a lutar pelos seus interesses.

Abnegámos a manifestação que subia a passo de banda filarmónica a rua e arremedámos por diferente direcção. Eram os rostos belos das meninas que nos captavam a atenção na tarde azulada e doce. Sim senhor, viam-se coisas deveras impressionantes. Parece que o paraíso saíra à rua. Ou seria a Citeréia em suas várias transmutações?

A que eu esperava, porém, não saiu à rua, ou pelo menos eu não a encontrei por entre a massa viva que ia avenida fora, e fiquei decepcionado.

Gastei as derradeiras fotos do rolo no palco onde tocava a banda convidada pela Inter. Um sujeitinho aproximou-se e pediu-me que descesse. Disse-lhe que era repórter do *Avante!* e ele deixou-me ficar com um gesto muito simpático. Nuns tantos gestos exagerados retratei os músicos até mesmo depois de o rolo ter chegado ao fim. O importante eram as aparências. O da viola baixo fez uma grande pose para a câmara descarregada que disparou num clique e desci.

Resolvemos voltar ao Seminário. Daí a pouco eu teria um ensaio de teatro. Preparávamos um espectáculo que se inseria numa semana cultural organizada pela revista do Seminário nos seus quarentas anos de serviço académico. A organização fora

entregue à equipa de teatro da qual eu era secretário. Quase todos os tempos livres os aproveitava para ensaiar com os outros colegas. Em cerca de um mês preparámos uma peça de Tchekov.

O ensaio foi um desastre. Esquecia constantemente o papel, não ouvia o ponto, metia os pés pelas mãos, os gestos saíam-me artificiais e a voz não obedecia. Faltava-me ali qualquer coisa, alguém. Jantámos às vinte, deitei-me um pedaço na minha cama. Tinha de ficar só por uns momentos, concentrar-me. Passavam-me todas as razões possíveis de não te haver encontrado naquela tarde de sol e de gente. Onde terias ido, para eu não te poder ver? Estarias com outro de que eu desconhecia a existência? Talvez fosses passar o fim de semana à aldeia. Não tinhas uma casa a vinte quilómetros da cidade? Essa ideia encantou-me e suspirei de alívio. Não gostaria nada de saber que andavas a enganar a minha imaginação e os meus sonhos. De um impulso levantei-me. Diabo! Já passava da hora. Calcei os sapatos e corri para o auditório. Ninguém sabia onde eu andava, os colegas estavam preocupados com a minha ausência.

Colei um bigode negro assanhado na beija, vesti uma roupa de campónio – botas grossas, colete e chapéu – e fui espreitar pelo pano a ver quem preenchia a plateia. Alguns alunos, poucos professores, convidados, freiras, meninas de colégio, o reitor de pé a conversar com o adjunto e com o director do Instituto da Juventude que, solícito, oferecera o auditório. Começaríamos a peça de teatro às vinte e duas. Não sei porquê, estava tenso, nervoso. E isso poucas vezes acontecia. Sempre estive muito à vontade nestas andanças teatrais. Nessa noite não. Arrepiava-me pensar que teria de calcar aquele palco, representar para aquela gente.

Chamaram-me. Iam abrir o pano dentro de momentos, cada um fosse para o seu posto. Fui espreitar uma última vez e lá estavas tu, a Guida, sentada na plateia, não sabia por que artes. Tu vieste e eu descontraí o nervosismo que antes me invadira. Seria uma grande surpresa quando me visses entrar em cena. A Eugénia, amiga da Magda – eu tinha convidado as duas – também lá estava,

a teu lado, com a Berta. «Foi a Eugénia que lhes falou na festa», pensei. Então já não haveria surpresa. Que importava? A que o meu coração ansiava estava ali e isso é que era importante. Seria um grande espectáculo, o melhor que eu faria antes e depois.

De todas as peças em que participei, de todos os papéis que me deram ou escolhi para desempenhar, aquele, naquele dia, ultrapassou-me. Não era eu quem representava; era a personagem ela própria a falar e a correr no palco de um lado para o outro. Saía de cena a bufar de contentamento enfiando logo a cabeça num buraco dos bastidores para ver a reacção do público perante a cena seguinte. Gargalhadas sem fim, freiras até a perderem-se de riso. E tu também a rires, na segunda fila, com aquela boca tão bonita e aqueles dentes brancos de pérola, como uma tolinha.

Acabado o primeiro acto, o pano deveria fechar para se fazer um intervalo. Como fosse comandado à distância na cabine de iluminação, verificou-se uma avaria não se sabe por que motivo e não fechava. Andámos para ali aos saltos no palco com gestos despropositados para o respeitável técnico da cabine. O rapaz, porém, não conhecendo os cantos à casa, não evitou a confusão. Abandonámos todos o palco, esperámos dois minutos e continuámos a peça sem o intervalo. O incidente foi recebido muito naturalmente pelo público.

Só no final da peça é que houve intervalo. Apressei-me a descolar o bigode façanhudo e a despír a indumentária parola que caracterizava a personagem. Vesti uma camisa, as calças de ganga, calcei os ténis e fui respirar ao exterior do edifício com uma ideia na mente. As pessoas conversavam em pequenos grupos à espera da segunda parte do espectáculo. A Eugénia viu-me a sair, aproximou-se, atrás vinhas tu.

– Eugénia!

– Furtado! Vá, dá-me um beijo.

Dei-lho, olhando-te apatetado.

– Gostei imenso das tuas cabriolas – acrescentou a Eugénia.

– Vocês são fenomenais.

– Estás a exagerar no elogio.

Voltei a olhar-te, sorríste-me, mas não te beijei.

– Então, Guida, também vieste? – inquiri.

– Sim. A Eugénia perguntou se eu e a Berta lhe queríamos fazer companhia... e viemos. A Berta está ali a conversar com o primo.

– Já vejo...

– A Magda não pôde vir. E como eu gostava de vos ver a representar, arranjei companhia – explicou a Eugénia.

– Fizeste muito bem. Mas gostaram mesmo ou só estão a falar para agradar?

– Vocês são formidáveis. Achei tudo muito engraçado. Tu deste lá uma cambalhota que pensei até que terias quebrado o pescoço – respondeste.

– Oh! Não. Eu sou muito flexível. De qualquer modo, foste muito simpática em preocupares-te...

– E agora na segunda parte, o que vai ser?

– Apresentar-se-ão umas cantigas populares muito bonitas. Peço-vos para não irdes embora. Ficai mais um bocadinho para ouvir as nossas vozes de pássaros em gaiola.

– Ah! Sim. Nós ficamos. Vens para junto de nós?

– Não posso, tenho de tocar viola.

– Que pena! – suspirou a Eugénia.

– Vemo-nos no fim, está bem? Agora deixo-vos. Tenho ainda de afinar a viola pela dos outros. É para haver uniformidade. Até já.

E afastei-me com um piscar de olho para os teus olhos brilhantes. Neste dia não levavas trança. O cabelo comprido espalhado, sedoso, inspirava-me loucuras.

A tuna do Seminário ia actuar. Eu pertencia à tuna e a minha missão era tocar “baixo”. Ao meu lado direito no palco ficava o Zaca com o bandolim e à esquerda o Leitão com o cavaquinho. Depois era o dos ferrinhos, o do tambor, outra viola, a flauta do Fernando e mais meia dúzia de cantores. Ajustaram-se os microfones e deu-se início ao concerto.

Algumas cantigas falavam de amor. Os nossos olhos tro-

cavam-se e tu sorrias lá do sítio onde estavas sentada. Eu nunca tocara tão bem o “baixo”, nunca as notas me saíram tão perfeitas, porque tocava para alguém, não aquele alguém geral e sem face, mas para ti, a face da minha ânsia.

*Ó que lindos olhos tem  
Ai a filha da moleirinha...*

O espectáculo terminara. Fechava o pano – o técnico conseguiu descobrir a forma de o fazer – posei a viola conforme pude e corri para a saída. Já não encontrei ninguém. Fui espreitar à rua, viam-se pequenos grupos que seguiam, mas tu, a que eu desejava, levou-te o vento da noite sem vento. Decepcionado, voltei ao auditório onde os colegas se juntavam à volta de um banquete improvisado. Enchi a cara de sumo de laranja para esquecer, mastigando umas iscas de presunto. «Disseram que esperavam no fim, por que teriam ido embora? Estas mulheres ninguém as entende! Talvez não tenham esperado por se fazer tarde. Afinal vivem num lar, num horrível lar de freiras. A festa, realmente, acabara bastante tarde. O reitor quis discursar, depois discursou o director da revista do Seminário e foi um nunca acabar de palavras de agradecimento e bem-haja. Diabos atirem os discursos para o inferno e àqueles que os fazem!» E bebi mais uma golada de sumo de laranja.

Passei três dias sem te encontrar. Fechava-me no quarto a tentar ler qualquer coisa das cadeiras a que faria exame, a mentir para mim próprio que não significavas nada na minha vida. O que eu amava eram os livros e o meu futuro de sacerdote a servir a Igreja. Não podia apaixonar-me assim, abandonar ideias cimentadas na duradoira e perene filosofia da renúncia. Eu não sabia que também ela era contingente. Não se podia renunciar por muito tempo. As nossas opiniões, os caminhos que escolhemos, nunca são definitivos. Tudo se reduz à inconstância e ao passageiro. Mas eu era cego. Curei-me e agora lamento não ter continuado sem ver. Fechava-me, com o mundo lá fora a chamar, o cheiro

das árvores e das pessoas na alegria de mais uma Primavera que vinha trazer esperança.

Emaranhava-me nos calhamaços de Teologia Natural a descobrir Deus e os segredos do mundo em letras de imprensa, quando me lembrei que tinha de ir ao fotógrafo levantar as fotos do espectáculo. Levava-as um colega, fiquei eu encarregue de as ir buscar. Porém, eu não queria pôr os pés na rua com um receio, um temor de passar e ver-te. Impelia-me o coração ou o que quer que fosse a calçar os sapatos e sair. Preferiria ter pedido a alguém, mas fui e encontrei-te.

- Furtado! – chamaste-me no meio do passeio público.
- Olá, Guida.
- O que andas a fazer?
- Vim levantar as fotografias da festa.
- Posso ver?
- Podes. Mas não faças troça.
- Ah! que engraçados! Olha tu aqui com as orelhas torcidas.

Chegaram-te bem.

- Guida, eu pedi para não fazeres troça.
- Desculpa, sim? Gostaria de ficar com algumas. Empresas-me os negativos?
- Ficar com algumas?... Pega lá! Escolhe as que quiseres.

Mandas revelar e, quando estiverem prontas, voltas a entregar-me os negativos.

- Furtado, se houver algum inconveniente, prefiro então que não mos emprestes.
- Não há-de haver inconveniente nenhum. Pega e leva.
- Só uma pergunta: Depois posso mostrá-las também às minhas amigas?
- Se elas tiverem prazer nisso... Mostra-as à Eugénia e à Magda. Elas também hão-de gostar de ver essas poses.
- Obrigada, Furtado.
- Oh, por favor! Não me chames Furtado. Para ti sou o Zé-Zé. É assim que me tratam em casa.
- Zé-Zé? Que giro. Gosto mais do que Furtado. O apelido

parece mais convencional. Uma vez li um livro em que a personagem principal se chamava também Zé-Zé.

– *Meu pé de laranja lima.*

– Sim, o título era esse. Também o leste?

– Não, mas vi o filme.

– A história é muito bonita, não é? É muito triste.

Ambos estávamos com pressa. Pusemo-nos a olhar um para o outro sem saber o que dizer mais. Tinha tantas coisas para te dizer e o que me saía eram apenas monossílabos pouco simpáticos. Estava de um mau humor perturbante. Comecei num passo vagaroso e intranquilo a andar e acompanhavas-me. Depois, à saída da rua, tu foste para baixo, eu subi, com um adeus quase eterno. No Seminário sentei-me à secretária, bati com os punhos, voou um calhamaço de Cosmologia Filosófica, respirei fundo e fui à janela regar o meu vaso com um jacinto ressequido.

### III

O mês de Maio mostrava-se quente e a temperatura puxava pelo corpo e pelo espírito. Para os superiores do Seminário era uma época de grande preocupação. Os seminaristas andavam mais tensos e, se os momentos de oração e reflexão fossem tidos em desleixo, facilmente soçobriariam perante uma cara bonita. Eu já estava apaixonado e andava a remoer há algum tempo a hipótese de abandonar os estudos. Claro que esta ideia não a ligava à paixão por ti. Procurava razões mais fortes: a minha decepção perante a vida de sacerdócio, o conflito entre as minhas ideias e aquilo que a Igreja defendia e que era forçoso aceitar se continuasse, o aborrecimento nos estudos, a falta de liberdade.

Eu andava a tirar a carta de condução. Para ir às aulas, tinha dispensa do reitor de sair sempre que fosse necessário. Era uma oportunidade de, dentro das regras, espaiar, sair das paredes e dos corredores que me sufocavam. Após a aula de condução, ou até mesmo antes, subia ao café Pasolini e aí me encontrava contigo para conversar. Eu bebia um pinga após o almoço e leite frio ao fim da tarde. Puseste-me então uma alcunha: o Meia-de-leite. Eu arranjei uma também para ti: a Ciganinha, pela tua cor morena e pelo cabelo negro e longo quase sempre atado em trança. Às vezes estava a Berta, o que me tirava um pouco do prazer que era estar contigo a dois palmos de distância. Começava a conhecer-te melhor, tu a mim e, numa altura, confessei-te a minha intenção de abandonar os estudos para padre. Perguntaste-me porquê. E ouviste durante duas horas as queixas que eu tinha dos superiores e da hipocrisia dos colegas.

– A tua vida só tu a vives. As decisões toma-as cada qual – disseste com a intenção subtil de me informares de que não podias decidir por mim.

Uma tarde em que não tinha aula de condução, mas saíra como se a tivesse, acompanhaste-me após o café num passeio pela cidade. Parámos a meio da Rua de São Marcos e entrámos na Casa dos Crivos para ver a exposição do momento. Era uma exposição de mobiliário rústico utilizado no tempo dos nossos avós. No rés-do-chão estava montada uma cozinha labrega com uma lareira, os potes carcomidos de fuligem, a trempe de ferro, a lenha, a mesa tosca de madeira, os mochos para sentar, o guarda-loiça, a masseira para o pão e um forno em tijolo com todos os apetrechos de cozedura. Divertimo-nos a ver cada objecto que pensávamos há muito não existir. Peguei numa pá do forno e ameacei-te como a padeira aos castelhanos. Tu seguraste num atiçador e, não fosse o vigilante tossir como que a impor ordem, teríamos armado uma luta de morte onde o coração de um cairia ora trespassado no caso do atiçador, ora espalmado no peito no caso da pá. Subimos depois ao primeiro andar. Aí estava montado um quarto tipicamente aldeão: uma cama de ferro muito desengonçada com as armas da monarquia fundidas à cabeceira e coberta por uma colcha em linho bordado. Sentei-me nela e, perante o frufu do colchão, concluímos ser de folhelho. Quiseste sentar-te também a experimentar a sensação de uma cama antiga, dei-te um empurrãozinho e ficaste estendida, a cabeça sobre a colcha. Rimo-nos a valer e o vigilante, já farto do nosso abuso, subiu e mirou-nos com desconfiança. Disfarçámos continuando a ver os objectos e as mobílias: Um lavatório de ferro muito ferugento e uma arca com tampa de cabedal em arco completavam o conjunto do quarto. As paredes estavam cobertas com lenços bordados. Corações, pombinhas, alianças, laços, rosas, desenhos geométricos e muitas quadras populares em cores entre o verde e o vermelho. Lemos:

*Bai carta feliz boando  
Nas asas dum passarinho  
Cando chegares ó meu amor  
Dá-le um abraço e um beijinho*

E achámos muita graça, mesmo com os erros de ortografia. Perguntei quando bordavas um lenço e mo oferecias. Ficaste séria durante um segundo e depois respondeste:

– Não sei bordar.

– Não sabes bordar!? Mas é como um homem que não gosta de futebol!

– Hei-de pedir à minha avó para me ensinar. Ela ainda agora faz coisas muito bonitas.

– Até lenços de namorados?

– Isso não. Olha a minha avó, coitada, a fazer lenços de namorados! Lá os teria feito no seu tempo.

– Mas se sabe bordar, bem lhe podias pedir para te fazer um.

– Saiba o senhor José Furtado que os lenços de namorados têm de ser bordados pela própria.

– Desculpe a sra Dona Margarida, mas não sabia.

Terminámos de ver a exposição, dissemos adeus ao homem que nos mandou à merda com um gesto, e saímos para a rua. Descemos até ao Largo de Santa Cruz e lembrei-me de te pregar uma partida. Tinhas de olhar para a fachada da igreja de Santa Cruz e descobrir um galo. Segundo a lenda, aquele ou aquela que, olhando, não o descobrisse, nunca conseguiria arranjar casamento. Ficaste cheia de vontade de o descobrir. Olhaste, olhaste, percorreste toda a fachada desde os campanários até à porta principal e não viste galo nenhum. Estivemos ali dez minutos ou mais e começavas a desesperar.

– És um trapaceiro! – disseste. – Queres brincar comigo. Ali não há galo nenhum.

– Juro-te que há. É um facto que ele não está muito visível. Mas se fores pela lógica descobre-lo.

– Há algum efeito visual?

– Não. O galo está ali esculpido em pedra. Só precisas de te lembrar o que tem o galo a ver com o nome da igreja. E não digo mais nada.

– O nome da igreja? E que tem o nome da igreja... Espera

lá: esta chama-se igreja de Santa Cruz. Portanto, deve estar relacionada com a paixão e morte de Cristo.

– Rapariga esperta! Tens ido ao terço todos os dias lá nas freiras?

– Não gozes! Continuando: o que tem o galo a ver com a cruz e com a morte de Cristo? Já sei: quando o São Pedro negou Cristo pela terceira vez, o galo cantou. O galo é, portanto, um dos objectos ligados à morte na cruz.

– Pois claro! Ah! grande detective! Agora falta descobrires onde está o bicho.

Voltaste a olhar para a fachada em granito sujo e foste dizendo:

– A cruz, o chicote da flagelação, a coroa de espinhos, os cravos e... o galo! Lá está, por cima da porta. Descobri, descobri!

E puseste-te aos saltinhos muito excitada. Não fosse a minha timidez-receio e ter-nos-íamos abraçado como noivos a sair da igreja após as bênçãos.

Entrámos depois no Shopping Santa Cruz e percorremos os vários andares pejados de lojas. Subimos ao último e postámo-nos numa abertura para a rua, o ar fresco do fim de tarde a bater-nos no rosto. Em baixo a azáfama das pessoas que saíam dos empregos e corriam apressadas para as paragens do autocarro, a bicha de automóveis que esmaecia na esquina da rua. Sentimos uma grande paz por não estarmos nós em baixo a correr, com as preocupações da vida quotidiana. O teu cabelo roçava a minha face e, misturado com a brisa, sentia o teu perfume a preencher o meu desejo de te abraçar. E foi nesse instante que tive o ímpeto de dizer que te amava. Faltou-me o que não faltaria aos homens comuns. Eu, um ingénuo seminarista, não sabia como abordar-te e revelar o que sentia. Suspirei mudo e apontei as pombas a voarem à volta dos apóstolos em pedra na igreja de São Marcos.

– Que bonito que isto é! – exclamaste enlevada. – Nunca tinha subido até aqui. As pessoas, lá em baixo, parecem formigas.

Estivemos assim alguns minutos e foi nesse espaço de tempo, com o sol a esconder-se por detrás da casa dos Coimbras,

que eu decidi abandonar o Seminário e entregar-me ao que me prendera: tu.

– Vamos? – disseste. – É tarde, tenho de regressar ao lar.

Despedimo-nos no meio do passeio. Olhaste-me, sorriso aberto, à espera não sei do quê. E eu, parvinho, em vez de puxar-te num abraço e num beijo de loucura, fiquei-me, mãos ao longo do corpo, impotente perante a ordem natural das coisas. Eram os preconceitos de seminarista a minar-me o impulso, a puxar o desejo para o seu lugar que, nas normas dos manuais de castidade, era no mais esconso da alma.

Voltei ao Seminário para as orações da tarde. Rezei-as na capela com os outros, maquinalmente, olhar ora em frente ora posto no *Livro de Horas*. Pensei em falar ao director espiritual do meu desassossego, ver se ele me receitava um qualquer purgante para a paixão que me roía e me impunha decisões que alterariam todo o meu futuro. No dia seguinte ganhei coragem e bati na porta do gabinete. Mandou-me sentar num dos sofás e perguntou:

– Então, José Furtado? Como vão as coisas?

– Mal, sr. padre, muito mal.

– Não te aflijas, meu rapaz. A Primavera, ao causar alterações no metabolismo, causa também alterações no espírito. Tudo passa. O que é necessário é ter confiança em Deus e não se deixar levar pelas situações perniciosas. Mas conta lá o que te preocupa. Se eu puder ajudar...

– Não sei como lho dizer. É algo de muito importante para mim. Está em jogo tudo aquilo em que acreditei.

O padre manteve-se calado, à espera, perna alçada, o braço a segurar o queixo, atento às minhas palavras. Continuei:

– Estou a pensar abandonar o Seminário.

Ele descruzou a perna, esfregou um anel que tinha num dedo e perguntou:

– Porquê?

Escondi-lhe a verdadeira razão:

– Sinto que não tenho vocação, que não nasci para ser padre.

– Meu filho, a vocação é uma coisa muito relativa. Com

certeza quando decidiste entrar para o Seminário pensaste que tinhas vocação. Caso contrário, não entrarias, não é verdade?

– É, sr. padre. Mas já passou tanto tempo... a vida dá tantas voltas...

– Por a vida dar tantas voltas é que devias pensar bem na melhor decisão a tomar. Se decidires partir, podes arrepender-te um dia. Se decidires ficar, podes não perdoar-te os anos que aqui perdeste. Eu também passei por essas indecisões. Decidi ficar e agora sou o que Deus quis de mim. Olha, caro José Furtado, daqui a pouco começam as férias. É um tempo de repouso que poderá servir-te para sopesar bem o que desejas da tua vida. A decisão que tomares será sempre a melhor porque foste tu que a tiveste. Mas eu creio que esta é uma fase que facilmente poderás superar. Daqui a uns meses até te vais rir disso. Pede a Deus que te ajude a reflectir com ponderação. E acima de tudo foge das situações que possam confundir-te os sentimentos.

– Obrigado, sr. padre.

Como poderia eu fugir das situações se há muito estava metido numa? Pouco havia a ponderar. Mais haveria a sentir. Uma sombra obnubilava-me o pensamento. Cristo. Que tinha o Cristo a ver com tudo isto? A minha fé, aquela fé que parecia mover montanhas, onde estava? E o amor à Igreja e o serviço aos irmãos? Tudo perdera, assim, num deslumbre de Primavera?